

Hoje em Dia: voz masculina e jornalismo no controle¹

Jussara Maia²

RESUMO

Este artigo analisa a inserção de marcas textuais e discursivas do jornalismo no programa de variedades Hoje em Dia, da Rede Record, vinculado à categoria do entretenimento, como parte de um fenômeno mais amplo, identificado como *infotainment*. A pesquisa apresenta evidências do cruzamento entre gênero televisivo e gênero sexual, na relação identificada no programa entre o emprego de um modelo de jornalismo moderno e a hegemonia da cultura patriarcal. A análise emprega os referenciais teórico-metodológicos produzidos nos estudos culturais, com a utilização do conceito de estrutura de sentimento de Raymond Williams, considerando o programa como um produto que se constitui, se configura e se atualiza a partir da cultura, para estabelecer sua comunicabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: *infotainment*; programa de variedades; estrutura de sentimento.

Apresentado, de segunda a sábado, das 9h30 às 12h, o Hoje em Dia evidencia a existência de um modelo copiado da televisão americana em negociação com as matrizes culturais dos formatos dessas produções, desde o lançamento da televisão, no Brasil, em 1950. O programa foi criado em agosto de 2005, na Rede Record, apresentado pelo jornalista Rodolfo Gamberini, substituído por Britto Júnior, também ex-repórter da Globo, a modelo Ana Hickmann, a jornalista Chris Flores e o chefe de cozinha Eduardo Guedes. Essa formação permaneceu até 2009, quando Celso Zucatelli substituiu Britto Júnior, que assumiu a apresentação do *reality* A Fazenda. No mesmo ano, a modelo Gianne Albertoni ficou no lugar de Ana Hickmann. A mudança de alguns apresentadores, com a manutenção de um mesmo padrão em relação à trajetória dos profissionais da equipe, revela a exigência de uma composição específica, com perfil determinado, combinando jornalistas, um deles com mais experiência e visibilidade no telejornalismo, uma modelo e um mestre em preparos culinários. Essa configuração já se esboçava desde o TV Mulher, nos anos 1980, com a jornalista Marília Gabriela, à frente da produção, ao lado do jornalista Ney Gonçalves e da culinária Xênia Bier. Mas é quase uma réplica da composição do programa Tudo a Ver³, que fez parte de um planejamento mais amplo de investimentos do

¹ Trabalho apresentado no GP Televisão e Vídeo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, UFBA, pesquisadora do GPAT, Grupo de Análise de Telejornalismo, email: jussaramaia@uol.com.br

³ A presença de Paulo Henrique Amorim em um programa que tinha como nome o *slogan* da campanha institucional da Rede Globo teve um forte caráter ao mesmo tempo simbólico e objetivo naquele momento da batalha acirrada entre Record e Globo. O lançamento do programa fez parte de um amplo processo de investimento e de mudança no planejamento estratégico da Rede Record para buscar uma fatia maior da audiência, considerando a liderança da Rede Globo como adversária, mas, na prática, disputava a segunda

conglomerado de comunicação da Record para conquistar a audiência. Lançado no ano anterior, em agosto de 2004, o programa foi considerado um marco em relação às produções que misturam informação e entretenimento, pelo amplo destaque dado à presença de Paulo Henrique Amorim, jornalista com trajetória consolidada no jornalismo, e pelo debate gerado em torno da semelhança com o *Good Day LA*, produção jornalística matinal, local, de sucesso, na rede norteamericana Fox, em Los Angeles. O programa americano copiado foi elogiado pela crítica, também, como um exemplar do *infotainment*, termo ambíguo para dar conta do fenômeno ainda pouco conhecido no Brasil, à época⁴.

O Hoje em Dia é um dos três programas de variedades exibidos nacionalmente, pela manhã, analisados na tese de doutorado⁵ que investigou as transformações implementadas no gênero televisivo com a inserção de marcas textuais e discursivas do jornalismo, como parte do fenômeno no *infotainment*. O embaralhamento entre informação e entretenimento, historicamente, teve lugar, de modo mais intenso e institucionalizado no início do século XIX, e foi empregado, também, na produção dos tabloides, que mantiveram o foco nas mesmas estratégias da *penny press*. Diante, agora, de um fenômeno que reposiciona essa mistura, denominado de *infotainment*, os estudos acadêmicos tendem a denominar de tabloidização, trivialização ou popularização os contornos das transformações atuais, inscrevendo na observação dessas mudanças a depreciação do entretenimento. Itania Gomes (2008) propõe observar o *infotainment* relacionado às questões que instaura, a partir das mudanças provocadas pela globalização sobre o funcionamento e regulação dos sistemas de comunicação.

Este artigo está situado no âmbito dos referenciais teóricos e metodológicos dos

colocação com o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). O ano de 2004 marca exatamente o início de uma política mais agressiva, a exemplo da contratação de sessenta jornalistas que eram da Rede Globo, e a compra dos estúdios do humorista Renato Aragão, no Rio de Janeiro, por R\$ 15 milhões, para instalar o RecNov, complexo voltado para a teledramaturgia. “Por sugestão do então recém-contratado diretor comercial Walter Zagari, a rede optou por fazer uma operação muito comum nas televisões de todo o mundo. Decidiu-se ‘clonar’ a programação da Globo e ter o famoso ‘padrão de qualidade’ da emissora do Jardim Botânico como a meta a ser atingida” (MARTHE, 2007, p.86).

⁴ O programa americano pode ser considerado um exemplar do chamado *early morning news show*, como parte da tendência do *infotainment* nos Estados Unidos (WIETEN & PANTTI, 2005), mas ao contrário do caráter desqualificado dado por Wieten & Pantti (2005), no artigo publicado no Observatório da Imprensa, o *Good Day LA* foi citado como “a união de valores de produção marcantes com um jornalismo pontuadamente descontraído” (PAZZIN, 2006). O autor destaca, ainda, a conquista de dois Emmys pela produção, em 2005, pela melhor cobertura de evento jornalístico não planejado, com a transmissão ao vivo de uma perseguição de trânsito, e pela qualidade das chamadas exibidas na programação. Informações do Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/em-tv-nada-se-cria-tudo-se-copia>>. Acesso em: 24 jul. 2011.

⁵ Este artigo foi extraído da tese Além da notícia: jornalismo em programas de entretenimento, orientada pela professora Dra. Itania Gomes, foi apresentada, em abril de 2012, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da UFBA.

estudos culturais, que enfatizam a atividade da recepção no processo de interpretação de textos polissêmicos, voltando-se para a investigação da articulação entre cultura, ideologia, linguagem e relações de poder. O conceito de gênero foi tomado como referencial para o exame do programa⁶, tal como foi desenvolvido por Martín-Barbero (2008), pesquisador vinculado aos estudos culturais latino-americanos, que considera a relação comunicação e cultura um campo central da batalha política (2008, p.15). O autor destaca a atividade da recepção na leitura como produção de sentido, levando em conta as demandas do texto, mas a partir das competências do receptor e assumindo, também, a dimensão da polissemia do texto, como um lugar de negociação e de prazer, da repetição e do reconhecimento. O gosto popular pela narrativa é analisado, ao mesmo tempo, como prazer e resistência ao colocar em negociação a lógica do mercado e a demanda popular, com sua matriz cultural, enquanto mediação. O autor identifica a posição central da televisão diante das transformações tecnológicas e analisa o modo como a mídia emprega em formatos industriais as matrizes culturais do melodrama que operam como dispositivos que ativam as competências culturais da recepção, processos em que têm lugar a negociação e a luta na produção de sentido. Desse modo, em vez do movimento duplo de análise das lógicas de produção e de recepção, para em seguida avaliar como elas se relacionam, a chave, para Martín-Barbero, é olhar o processo comunicativo a partir das mediações, levando em conta essas construções materiais e simbólicas. Na perspectiva utilizada pelo autor, a partir da noção do popular encarnado no massivo, os meios de comunicação são espaços-chave onde se concentram e se entrecruzam diversas redes de poder e de produção cultural e para o autor os gêneros são uma chave metodológica.

A observação do gênero como conceito metodológico se dá ao mesmo tempo em que são examinadas no programa, como interseção das relações entre comunicação, cultura e política, as evidências de aspectos relativos ao que Raymond Williams (1979) chamou de elementos dominantes, residuais e emergentes, que expressam a coexistência de várias

⁶ Ao lado do gênero, a noção de modo de endereçamento foi utilizada para a análise do programa, a partir da adaptação dos operadores desenvolvidos no Grupo de Pesquisa Análise de Telejornalismo, coordenado pela professora Itania Gomes. Deste modo, a investigação observa aspectos como mediador, contexto comunicativo, pacto sobre o papel do jornalismo e temática, tomados como operadores que orientam a observação do analista. Mas foi realizada uma adaptação para acolher o entretenimento, percebido de modo articulado à informação jornalística através de recursos semiótico-discursivos como: utilização de sonorização; grafismos; movimentos de câmera e edição incomuns no telejornalismo; intensidade de uso da computação gráfica; cores fortes; uso de narrativas; personalização da história através da presença do homem comum; presença de celebridades; redução da participação de peritos e especialistas; valorização da subjetividade; apelo ao riso e ao choro; entrevista descontraída; apresentação dos acontecimentos de modo isolado e descontextualizado.

temporalidades na materialidade do processo social, como estruturas de sentimento. O autor chama a atenção para a necessidade de estabelecer uma diferenciação histórica e comparada, internamente, que permita identificar a existência do sentido de movimento, através do qual a sociedade é atualizada, na interrelação de valores, práticas e significados, relativos a temporalidades distintas. Desse modo, é possível, por exemplo, reconhecer a atuação de referências da cultura patriarcal na cultura contemporânea, mensurando as suas especificidades e seus modos de atualização na elaboração de novos sentidos.

A análise cultural, assim, exige reconhecer o caráter processual da cultura, sua dimensão de movimento e transformação, com a identificação da atuação simultânea de temporalidades diversas, através de elementos dominantes, residuais e emergentes, que expressam aspectos dinâmicos, historicamente variados e variáveis, que atuam no sistema cultural, com características dominantes, a exemplo da cultura feudal ou cultura burguesa. É a partir dos aspectos dominantes de uma cultura que é possível reconhecer aquelas experiências, significados e valores formados no passado, que permanecem ativos no processo cultural, como aspectos do presente, identificados por Williams (1979) como elementos residuais. O autor os distingue dos elementos arcaicos, que são reconhecidos por sua relação com o passado, mas são “revividos” de modo consciente, no presente. No caso dos elementos residuais, há um esforço da cultura dominante para apropriá-los dando-lhes novos sentidos, de modo a assegurar o seu controle. “É pela incorporação daquilo que é ativamente residual – pela reinterpretação, diluição, projeção e inclusão e exclusão discriminativas – que o trabalho de tradição seletiva se faz especialmente evidente” (WILLIAMS, 1979, p.125-126). Os elementos emergentes são os aspectos que oferecem maior dificuldade de identificação nas análises, pois, segundo Williams (1979), não basta o reconhecimento de novos significados, valores, práticas e relações. “É excepcionalmente difícil distinguir entre os que são realmente elementos de alguma fase nova dominante (e nesse sentido “específico da espécie) e os que lhe são substancialmente alternativos ou opostos: emergente no sentido rigoroso, e não simplesmente novo” (1979, p.125-126).

Entretenimento a serviço da informação jornalística

Desde que assumiu o comando do programa, em maio de 2009, Celso Zucatelli tem posição de destaque ao realizar, sozinho, a abertura e apresentação dos dois primeiros blocos, em que predomina a exibição de reportagens e entrevistas em tempo real, fora do estúdio, colocando-se numa posição de liderança em relação aos outros apresentadores. Formado em jornalismo e com especialização em Finanças, o jornalista tinha atuado, antes,

em O Estado de S. Paulo, na rádio Eldorado, e na rádio e na TV Bandeirantes, de 1996 até 2002, quando foi para a TV Cultura, como editor e âncora do Jornal da Cultura. Zucatelli permaneceu na Cultura até 2006, quando começou como editor-chefe do SP Record e, depois, tornou-se correspondente em Nova Iorque até começar no Hoje em Dia. Chris Flores, também jornalista, teve sua atuação maior em assessorias de comunicação e na produção para o setor de celebridades, como repórter do jornal Agora e editora das revistas Contigo e Minha Novela, da editora Abril. A jornalista atuou também nas revistas Aventuras na História, Manequim e Criativa. Com essa experiência, a temática celebridade marcou a sua participação no Tudo a Ver e, depois, como colunista no Hoje em Dia; mas, em outubro de 2007, passou a compor o quadro fixo de apresentadores. O chefe de cozinha Eduardo Guedes começou a fazer receitas no Note Anote, em 2001, até ir para o vespertino Tudo a Ver, em 2004, e o Hoje em Dia, em 2005. Formado em administração de empresas e em gastronomia, em Bologna, Itália, é responsável pela preparação e orientação de receitas culinárias, mas participa também na formulação de perguntas em entrevistas e transmissões diretas, realizadas durante o Hoje em Dia, programa em que passou a ser chamado de Edu Guedes. Após a experiência como atriz no filme Xuxa Pop Star, em 2000, a modelo Gianne Albertoni começou a estudar Artes Cênicas e desde 2009, quando assumiu como apresentadora do programa, iniciou o curso de jornalismo. É a primeira vez que participa de um programa que não é de ficção, na televisão aberta, onde teve atuações discretas em seriados e novelas, como Cristal, do SBT, e Beleza Pura, da Globo. A atuação no cinema incluiu participações em outras três produções, a última foi Muita calma nessa hora, de Bruno Mazzeo. No teatro, a modelo atuou em Você está aqui, de Fernando Ceylão e Cachorras quentes, de Luiz Carlos Góes.

O termo “informação” opera no *Hoje em Dia* como uma senha carregada de sentido escorregadio, uma vez que não traz a garantia de que se trata de informação jornalística, presente nos programas jornalísticos, mas, ao mesmo tempo, sugere a oferta de conteúdo de valor de uso para a prática, a rotina da vida contemporânea. A informação é destaque quando o programa, de segunda a sexta-feira, começa com um diálogo das apresentadoras do telejornal nacional da Record, Fala Brasil⁷, com Zucatelli, sem a exibição

⁷ Na amostra gravada, as apresentadoras foram Thalita Oliveira e Roberta Piza. O *corpus* desta pesquisa é composto por amostras colhidas em 2010, nas semanas de 8 a 13 de março, de 17 a 22 de maio, de 27 de setembro a 4 de outubro e de 13 a 18 de dezembro. Os programas gravados compõem um mês na cobertura e um dos períodos foi escolhido para permitir a observação do objeto empírico na semana em que houve foi comemorado o dia internacional da mulher, em março. Apesar das mudanças ocorridas no cenário, a partir de dezembro de 2010, não houve alteração do papel exercido pelos apresentadores.

de vinheta ou intervalo comercial, diretamente: “um bom dia para você e nós vamos, agora, ao estúdio do Hoje em Dia, onde você continua bem informado. Celso Zucatelli, bom dia”. Na passagem do primeiro para o segundo bloco, Zucatelli avisa: “A notícia continua, a informação continua, logo depois do intervalo, é rapidinho. A gente já volta”. É recorrente, também, a ênfase dada pelo jornalista, no retorno, após o intervalo comercial, demarcando o caráter informativo do programa: “o Hoje em Dia está de volta, com muita informação”. E quando a exibição de notícias é retomada, após os preparos culinários, e antes do encerramento do programa, Zucatelli destaca: “Hora da informação, começamos falando...”.

No cenário de apresentação do programa tem uma sala de estar, Zucatelli personifica o entrelugar, situado na interface entre informação e entretenimento, em que o programa se coloca e traduz essa posição de modo, espacial, no estúdio. O jornalista faz a abertura e a apresentação, sozinho, de um púlpito que não aparece, no primeiro e no segundo bloco ou só no primeiro, quando este é mais longo, com tempo total que varia de 43 a 60 minutos. Desse púlpito, é possível ver, atrás e à esquerda, a bancada e a cadeira onde o apresentador se senta, no trecho final da produção, quando, após uma parte do programa voltada para temáticas mais leves e o quadro de culinária, retoma as notícias factuais, antes de chamar a programação local das afiliadas. A inserção dos outros apresentadores é feita por Zucatelli, através de comentários após as reportagens, no final do segundo bloco, em que o jornalista aparece, olhando para o lado, e o outro apresentador responde, sentado no sofá, no caso de Chris Flores e Gianne Albertoni, ou na poltrona, no caso de Edu Guedes. Com o retorno, após o intervalo, Zucatelli já aparece sentado na poltrona, com um laptop sobre o braço direito do móvel, à frente de Edu Guedes, na sala de estar, às vezes, com um visual transformado. Foi recorrente nas edições da amostra, a mudança, inclusive, de traje do apresentador, quando estava usando um *blaser* sobre a camisa social, em pé, no púlpito, e aparecia, depois, sem o *blaser* e com as mangas da camisa dobradas, ao lado dos outros apresentadores.

Esse é um marco para a alteração no tipo de abordagem proposta pelo programa, quando os assuntos vão orientar as entrevistas realizadas com a participação de todos os apresentadores, liderados por Zucatelli ou é iniciada a exibição das notícias sobre assuntos que envolvem a presença de vários participantes ou são encaminhadas de modo mais leve, vinculadas a comportamento, saúde, bem estar, entre outros. O terceiro momento é o trecho anterior ao fim do programa, quando Zucatelli senta atrás da bancada, em algumas edições, de novo, com o *blaser*, retirado após os blocos iniciais, para apresentar mais notícias e, em

seguida, chamar a programação local, para quem está fora de São Paulo. A última imagem é de Zucatelli e nenhum apresentador se despede, gerando uma espécie de fusão, através do diálogo, com a produção seguinte, exibida para São Paulo, o telejornal *Record Notícias*. A mudança de posição expressa as nuances assumidas pela informação jornalística no *Hoje em Dia* e o papel de Zucatelli como fio condutor da atração, que vai das notícias mais densas, sobre crimes, acidentes, tragédias, às voltadas para temas com abordagem mais leve, utilizando em ambas o *infotainment*, quando o jornalismo se mistura ao entretenimento, e destas ao entretenimento, para, em seguida, voltar às notícias.

Os exemplos demonstram as estratégias empregadas para compor o modo informal de apresentação, possibilitando que notícias com apelo à tragédia possam estar presentes, mas atenuando-as, suavizando-as para que não tenham o peso dos telejornais em que, mesmo no caso dos mais informais, a exemplo das edições da manhã e do meio dia, há uma rigidez maior em relação à apresentação das notícias. No *Hoje em Dia*, o ambiente é informal e a linguagem utilizada para as notícias é marcada pela simulação de interação com o telespectador, nos moldes de uma conversa cotidiana, como o bate-papo com um colega que se diferencia por ser mais bem informado e inteligente. Zucatelli faz comentários, em nota pé, após reportagens, nota coberta, off vivo, ao vivo ou entrevista e assume um papel de consultor para orientar o telespectador na interpretação do mundo. O comentário chega a ser tão longo que são exibidas, novamente, as imagens da reportagem. Na sala de estar e na cozinha, os dois espaços de apresentação auxiliam na elaboração de um ambiente informal, mas, mesmo no espaço que guarda semelhanças com o telejornal, na bancada e no púlpito, o texto de Zucatelli aproxima o acontecimento do cotidiano e da sala da audiência, o discute e prescreve um modo de pensar, de interpretar e se posicionar. A utilização dessas estratégias é a chave para impedir que o programa, apesar de recorrer a tantas notícias, cujo apelo é negativo, com tragédias, crimes, catástrofes, polícia e segurança, mantenha a suavidade empregada para temáticas como qualidade de vida e valorização da família, e com o entretenimento.

As notícias finais, exibidas no *Fala Brasil*, sobre assuntos mais leves, algum *fait divers*⁸, curiosidades ou sobre a relação pessoal entre os profissionais, indicam a mudança na abordagem, rumo ao entretenimento, mas mantendo, neste ponto, a ambiguidade da convocação à informação sobre assuntos factuais, relativos a variados temas, desde política,

⁸ Os *faits divers* são considerados acontecimentos diferenciados, extraordinários e com apelo à emoção (GUERRA, 2008).

saúde, cidadania e, também, tragédias, posicionadas na sua dimensão de interesse público. Em 17/12/10, a tela é dividida em dois quadros, com Zucatelli de um lado e uma das apresentadoras do Fala Brasil do outro, ambos exibidos em primeiro plano, na abertura do programa, e Zucatelli fala, numa conversa com Thalita Oliveira sobre a última matéria exibida no Fala Brasil sobre sustos: “Oi, Thalita, eu também não gosto muito dessa coisa de susto, não, porque eu me assusto muito fácil. Fica tranquila que eu não vou assustar você hoje. Pode ficar tranqüila” [risos]. Em seguida, faz uma cabeça longa para abordar o assunto da reportagem que é, depois, retomado, na nota pé: “O Hoje em Dia está no ar com muita informação para você. Eu chamo a sua atenção para a investigação do assassinato do prefeito de Jandira, na grande São Paulo. Apesar de ter sido preso por outra acusação, o secretário de Jandira, a polícia da grande São Paulo acredita... O secretário de habitação da cidade foi preso e ele pode ajudar a esclarecer a morte do prefeito Braz Paschoalin. O Hoje em Dia teve acesso a um relatório do Ministério Público que mostra denúncias de corrupção na cidade. A reportagem é de Lara Mota”. A reportagem, com duração de 8’26”⁹, utiliza sonorização, arte, recursos visuais e sonoros mais comuns no entretenimento, também presentes em reportagens especiais e séries de reportagens, dos telejornais factuais, e faz uma retrospectiva dos assassinatos registrados na região, com entrevistas do delegado de Santana do Parnaíba, o vice-prefeito, vereador mais votado, presidente da Câmara de Vereadores, ex-vereador, prefeito em exercício. Os recursos buscam manter a atenção da audiência durante um tempo longo, quando a reportagem é mais extensa, como no exemplo, convocando a concentração sobre as informações, através dos mapas, ilustrações e quadros, expressando o refinamento dos recursos expressivos, com o apelo estético a partir das tecnicidades que compõem a linguagem televisual. Em seguida, Zucatelli estabelece uma interlocução, retórica, interpretando a notícia, na nota pé. Ainda que a modalização da voz seja de uma conversa trivial, que remete à socialidade rotineira, do contato entre amigos ou parentes, a notícia é interpretada na relação com as institucionalidades mais formais da sociedade, demarcando o lugar do Estado e do Ministério Público, a exemplo do modelo moderno de jornalismo: “você ouviu o que disse esse vereador? O que ele falou é a mais pura verdade. Se eles estão com medo, se as autoridades que têm proteção, que deveriam ter proteção, estão com medo, imagine um morador dessa cidade... Ele vai acreditar em quem? Ele falou em secretaria de segurança pública, claro é uma questão de

⁹ A duração do tempo é registrada, nesta tese, com o apóstrofo para identificar a unidade do minuto e aspas para a do segundo. O destaque ao tempo está relacionado ao objetivo de evidenciar a longa duração das reportagens.

segurança pública o que está acontecendo lá, mas é muito mais uma questão de investigação, por isso é tão importante a presença do Gaeco, Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado de São Paulo, (tela dividida, um quadro exhibe Celso e o outro as imagens da reportagem) a presença do Ministério Público. Porque isso é maior, por isso tem que ser muito bem investigado”.

Em 20/5/10, no final do primeiro bloco, Zucatelli faz uma espécie de teaser da reportagem sobre a viagem de Gianne Albertoni e Edu Guedes, que, segundo o próprio apresentador, tem o automobilismo como hobby. O anúncio feito como brincadeira e aventura é a deixa para os outros apresentadores começarem a participar. O apelo ao riso e à intimidade orientam o momento de diversão, leveza, como parte da vida e, portanto, inserida nos relatos noticiosos do programa. É uma convocação à subjetividade dos mediadores e da audiência, em que cabe a revelação de gostos, medos, preferências, ciúmes, instâncias da afetividade e das emoções. Mas a intenção de demarcar a ênfase na informação factual é tão intensa que, em 10/3/10, Zucatelli constrói uma articulação, e não uma mistura, entre as notícias factuais e aquelas mais leves, revelando que não quer perder o acento na informação jornalística, ao convocar a apresentadora do Hoje em Dia Belo Horizonte para que chame o teaser da reportagem realizada naquela cidade: “Olha, a gente vai continuar com informação que é prioridade aqui no Hoje em Dia, você sabe disso. Mas antes, deixa eu dar um bom dia para Natália, em Minas Gerais porque parece que tem uma história de uma casa invertida. O que é que você aprontou aí, Natália? Bom dia”. Expressa, também, a autoridade de Zucatelli e sua flexibilidade ao transitar entre notícias factuais e aquelas que apelam ao entretenimento, pela formulação do valor-notícia na atribuição de interesse da audiência em relação às curiosidades, o incomum, exótico e extraordinário, do *fait diver*, também presente no jornalismo moderno, mas de modo pitoresco, semelhante à forma como a notícia citada foi posicionada no Hoje em Dia. Em seguida, Zucatelli retoma as notícias factuais com o apelo à exclusividade e antecipa a interpretação do fato, com a reprovação que se expressa na ironia da entonação de voz usada na cabeça: “agora, olha aqui: exclusivo. Fotos tiradas de uma cadeia mostram a vida boa de um preso condenado a 20 anos de prisão. Ele faz churrasco para os amigos, fuma charuto, assiste televisão, na hora que bem entende, depois divulga tudo na internet” (fala com uma expressão de ironia).

Nessa mesma edição, Zucatelli, após as notícias factuais, para inserir Edu Guedes na apresentação do programa, iniciar a articulação para as notícias mais leves, faz um teaser do quadro de culinária. É produzida a conexão entre a esfera pública, aquela habermasiana,

que reconhece as instituições mais formais do Estado e a instância do cotidiano, com sua ritualidade que inclui a marcação do horário em que ocorre o preparo da refeição ao longo da manhã, para ser servida no almoço: “A secretaria da saúde do estado de São Paulo informa que todos os casos suspeitos de dengue devem ser notificados na Vigilância pelo profissional que fez o atendimento e desencadeiam ações de combate ao mosquito na região solicitada. No caso de Maria Amélia Correia, a secretaria informa que não foi verificado nenhum registro nos cadastro nem pelo nome, nem pela data, mas agora será investigado, imediatamente. Ô, Edu Guedes, o que é que você vai cozinhar para a gente hoje?” (aparece, em plano geral, a bancada da cozinha americana, e, em detalhe, o cuscuz de camarão)

Zucatelli tem papel central na maior parte do programa, o que representa 50 a 60% do tempo de produção do programa, sem os intervalos comerciais. Chris Flores tem sua participação muito marcada pela relação com o mundo dos famosos, desde os trabalhos artísticos até a vida pessoal, e assume, sempre, a apresentação do quadro Diário das Estrelas, exibido, de segunda a sexta-feira, no quinto ou no sexto e último bloco. O quadro é identificado por uma vinheta em que aparecem as fotografias da cantora Madonna, do ator Matt Damon, a atriz Angelina Jolie e a modelo Gisele Bündchen, como fotogramas contornados por uma moldura preenchida pela cor azul, em tom claro, mantendo a analogia visual com a logomarca do programa. Gianne Albertoni tem sua participação mais vinculada às reportagens e entrevistas relacionadas à moda em geral, orientações de beleza e a valorização do seu interesse por aventura. Todos os assuntos podem ser considerados, de modos distintos como relativos à esfera pessoal, uma vez estão relacionados às formas particulares de cada pessoa lidar com a expressão de si mesma no mundo social. As celebridades, por exemplo, estão relacionadas à materialização de símbolos da subjetividade que são traduzidos em desejos abstratos, cuja apropriação na expressão capitalista transforma em mercadoria que move poderosas indústrias, a exemplo da moda, higiene pessoal, perfumaria, salões e beleza, entre outras. Os assuntos são tratados como notícias, com a presença de especialistas para dar orientações, informações triviais sobre aspectos que se relacionam ao prazer pessoal, que, desse modo, são identificados com o entretenimento. Em 30/9/10, Chris Flores diz: “Apareceu na capa de revista, cai logo na moda. Eu estou falando, claro, dos cortes de cabelo das famosas, que sempre inspiram cabeleireiros e, principalmente, as clientes nos salões de beleza pelo Brasil afora. Confira aí na reportagem”. No retorno, no cenário composto por duas poltronas estofadas com tecido colorido, com apelo ao mundo fashion, sobre um tapete bege, com uma mesinha no centro,

mostra Gianne Albertoni, ao lado de Sérgio G, identificado como hairstylist diz: “e eu estou aqui no estúdio com o cabeleireiro Sérgio G, e com algumas modelos lindíssimas, que vai falar sobre essa moda que faz a cabeça das estrelas de Hollywood e da gente aqui”.

É fundamental na observação do modo como o programa dá sentido às múltiplas vozes a identificação relativa ao vínculo com o mundo das mulheres, reivindicado pela história do gênero televisivo voltado para este público. Nessa abordagem dois conceitos de gênero, bastante distintos, se misturam de maneira intensa para orientar o desfecho da análise. O primeiro conceito é relativo à maneira como é engendrada a organização da produção televisual, através de formatos da indústria televisiva que se relacionam com a história, a memória e obedecem à racionalidade produtiva do capital, em contínua negociação com as várias temporalidades inscritas na vida social. Em sintonia com a abordagem do gênero televisivo como categoria cultural, a dimensão do feminino é assumida aqui sob o olhar das teorias feministas pós-estruturalistas que consideram os dois conceitos, gênero e sexo, como parte de um processo de construção social, que não pode ser encerrado na dicotomia reducionista homem – mulher (NICHOLSON, 1999).

A presença de um jornalista com autoridade diferenciada em relação aos demais apresentadores, em um programa de variedades voltado para mulheres, e os valores destacados por todos os apresentadores expressam uma visão de mundo predominante que é tradicionalista e patriarcal do Hoje em Dia. É essa a referência central oferecida para produzir a coesão dos múltiplos sentidos exibidos na produção que combina uma ampla diversidade de temas, no jornalismo, em sua versão moderna e normatizadora, e no entretenimento, mas mantém o acento em assuntos policiais. A voz masculina é centralizadora, como evidenciaram as análises, com a atuação de Zucatelli na condução das vozes dos outros apresentadores, na legitimação destas e na indicação para as duas apresentadoras de posições marcadas por valores relacionados ao mundo feminino. O envolvimento das mulheres com o apelo do star system, com enfoque pejorativo e desqualificador, é representado pela jornalista Chris Flores. A segunda posição é a da relação da mulher com a vaidade, representada por Gianne Albertoni, relacionada ao vínculo com o mundo da moda, ratificando o padrão de beleza da mulher magra e loira, e reduzindo a noção contemporânea de cuidado pessoal ao cumprimento das exigências para tornar-se bonita e atraente. Ambas, restringem o escopo da abordagem relativa à subjetividade voltada para o público feminino a instâncias superficiais e transitórias; enquanto a culinária, protagonizada por um homem, é colocada em uma posição que acolhe

novos sentidos, para além daqueles residuais que os programas femininos, historicamente, enfatizavam de estímulo à criatividade na cozinha para agradar o marido. Edu Guedes enfatiza uma dupla operação, uma que se tornou hegemônica em programas de culinária, por contabilizar os custos dos preparos e sua rentabilidade, que sinaliza para a possibilidade da receita ser acessível às camadas populares ou gerar lucros com a venda; a outra é a construção de sentidos em torno dos preparos culinários traduz elementos emergentes nas trocas sociais, ressaltando, mais fortemente, a dimensão cultural e agregadora da gastronomia que propicia encontros com familiares e amigos.

É preciso, no entanto, reconhecer pequenas fissuras e brechas, como expressão das disputas que da materialidade social entre o comportamento feminino e a fixidez de um papel sociológico prescrito. Além dos elementos dominantes, se esgueiram e se exibem as marcas da lenta e contínua revolução que embaralha e produz gradações nos papéis femininos e masculinos, subsumidos pela força do desejo de realização do eu, hedonista ou não. O programa expressa esses deslocamentos e as múltiplas temporalidades de sentidos sociais no acento ao prazer da modelo Gianne Albertoni, com a aventura e a liberdade de novas experiências através da velocidade, viagens desbravadoras e esportes radicais, sentidos, antes, exclusivos ao papel social masculino. Em 30/9/10, após a reportagem de Chris Flores, em Londres, a jornalista consola a colega que manifestou ciúme: “Você vai para a Nova Zelândia trazer muita aventura para gente”. Em 19/5/10, Zucatelli comenta após uma nota coberta sobre o feito de pára-quadistas de seis países que saltaram no Nepal, da maior montanha do mundo, de quase 9 mil metros de altura: “só a Gianne Albertoni para encarar uma dessa, né? Essa aí você ia, né?”. Em 20/5/10, na cabeça da reportagem sobre a visita de Gianne Albertoni e Edu Guedes ao autódromo de Nova Santa Rita (RS), Zucatelli enfatiza o lugar transgressor e inusitado, assumido por Gianne Albertoni: “... que o Edu gosta de velocidade, você já sabe. A Gianne gosta de adrenalina, no melhor estilo ‘Velozes e furiosos’ ... o que vocês aprontaram, Gianne?”.

O programa configura, através da relação construída em cena entre os apresentadores, um modo de constituir o seu estilo, a partir de relações familiares mais convencionais e com amigos, estabelecendo a casa como espaço preferencial para os encontros rotineiros, mas não exclusivo. A ênfase nos vínculos afetivos e na socialidade entre os apresentadores na rotina de produção e fora da Record, em encontros que envolvem a rede social primária, a familiar nuclear, opera como uma espécie de comprovação da autenticidade da interação social exibida entre os apresentadores e destes com a audiência.

É também dessa forma que o programa insere e articula os conteúdos jornalísticos à cultura popular midiática que atravessa os processos de significação na vida social, valorizando a intertextualidade, à semelhança da conversação cotidiana, como parte da formação de conhecimento sobre o mundo. Em 10/5/10, o comentário de Zucatelli, após reportagem, destaca a conversa dos apresentadores no café da manhã do grupo e dá início à conversação entre eles: “Sem dúvida nenhuma, se dá para fazer todo o processo de seleção pela rede mundial, não sei, tenho dúvida, acho que esse contato é muito importante, mas faz parte da evolução. Tem um filme, a gente conversou sobre isso no café da manhã, não é Chris?, com a Sandra Bullock, A Rede, que ela começa a se envolver numa rede e tem que provar que ela é ela mesma. Isso porque ela não saiu do escritório, só trabalhou de forma virtual, contratada de forma virtual, ninguém conhece ela”.

Em 21/5/10, Edu Guedes evidencia a intimidade com Zucatelli ao expressar o gosto do apresentador: “Estamos de volta com o Hoje em Dia. Está chegando o final de semana, sempre, sexta-feira, um prato para toda a família. Você vai aprender a fazer uma fraldinha, uma fraldinha feita na panela de pressão, supergostosa, com um purezinho que eu preparei para o Celso e pra você de casa, lógico, com bastante queijo”. E durante o preparo diz: “[...] é o creme do Celso. Celso adora um queijo. Você vai aprender a fazer hoje o creme do Celso que é um creme gostoso [...]”. Em 19/5/10, o conservadorismo e tradicionalismo do programa se expressam no comentário feito por Zucatelli, após uma reportagem sobre o crescimento do alcoolismo entre as mulheres e já na adolescência que expõe, além dos personagens com a voz e a imagem distorcidas para evitar o reconhecimento, exemplos entre as celebridades de envolvimento com álcool, como a cantora Amy Winehouse. O apresentador convoca Chris Flores para compor com ela a voz da família tradicional e a apresentadora assume o olhar machista, simplista e preconceituoso sobre o assunto, ao responsabilizar, implicitamente, a mulher: “Claro que é um caso muito triste, é uma história muito triste a constatação desta pesquisa. Olha, todos nós sabemos como é difícil conversar com os jovens, com os adolescentes nesta fase de descoberta, no entanto, o papel da família é muito importante, a conversa, o diálogo é fundamental. Em alguns casos, só assim não será possível mudar esse quadro dentro de casa, mas na maioria das vezes é possível mudar, sim, essa situação (exibição das imagens da reportagem). Chris, acho que isso serve de alerta para todas as famílias, né? (Tela dividida em dois quadros com a imagem dos apresentadores, cada um, em plano americano) CF: “sem dúvida nenhuma, Celso, tem que servir de alerta. As pessoas têm que perceber isso. Tios, avós, pais têm que

olhar de perto. Acho que a mulher, às vezes, também, Celso, confunde o papel dela na sociedade. Tudo bem, ela foi para o mercado de trabalho, ela ganhou mais liberdade sexual, mas em alguns momentos ela quer copiar algumas atitudes masculinas negativas dessa maneira. Não é bacana, não”. CZ: “fica o alerta da equipe aqui do Hoje em Dia. Nós vamos voltar a este assunto no programa”.

A presença de um jornalista com a atuação centralizadora de Zucatelli, na inserção de relatos noticiosos nas formas mais tradicionais do jornalismo, em um programa de variedades, cuja história o relaciona ao entretenimento, agrega à noção de cuidado pessoal, na referência ao feminino, a operação racional de domínio das informações para lidar com os riscos que a vida social contemporânea, nas grandes metrópoles, representa. O jornalismo, com a ênfase nas características de sua versão moderna, no enlace com o funcionamento da democracia, com suas instituições e organizações, é utilizado para configurar uma situação comunicativa cujo vínculo pessoal substitui a objetividade fria por uma autoridade amigável, legitimada por dois elementos. O primeiro diz respeito ao destaque à condição de transmissão direta, que explora a posição do programa de compartilhar o mundo de modo completo com a audiência, ao manter a vigilância sobre acontecimentos e questões que envolvem o cotidiano das cidades, incluindo, também, a diversão propiciada pelo espetáculo musical, realities e jogos, por exemplo, realizados durante a produção, e satisfazendo a curiosidade em torno da vida das celebridades, com o seu potencial de materialização de desejos dos telespectadores. O segundo elemento é a encenação de uma interação (FECHINE, 2008) que utiliza a conversação cotidiana para simular uma espécie de interlocução doméstica, marcada pela proximidade e pela ritualização, presentes na rotina da família brasileira, com sua cotidianidade familiar (MARTÍN-BARBERO, 2008), formulando uma relação íntima.

A apresentação de informações sobre os elementos racionais dos acontecimentos, com o cuidado de refletir sobre os mesmos de modo mais pessoal, de acompanhá-los, vigiar seus desdobramentos, contextualizá-los, posiciona o programa como defensor do interesse público, legitima o seu lugar de orientação e consultoria para a audiência interpretar os acontecimentos do mundo, em substituição ao apelo de impessoalidade da objetividade jornalística. Mas é a intimidade, empregada na simulação de uma troca comunicativa, que articula a esfera dos fatos aos laços de afetividade mais pessoais e evidencia a ausência de interdição à emoção, ao prazer e ao entretenimento. A intimidade tem importância fundamental para a mulher, em especial, nas relações amorosas, e está relacionada,

exatamente, a uma forma de conversa, mais do que a um assunto específico, de acordo com a pesquisa realizada pela socióloga Mirian Goldenberg (2010). “A intimidade, para elas, está associada a uma forma mais profunda de comunicação, de conversa, de escuta” (GOLDENBERG, 2010, p.21). A felicidade que sustenta o desejo abstrato mais central do ser humano é traduzida, deste modo, pela constituição de uma posição na qual cabe ao jornalismo, em sua versão moderna, racional, indicar que, através do conhecimento acerca do mundo, é possível ter mais controle sobre os fenômenos que se desdobram nele, amplificando a retórica do jornalismo de que o mundo está “sob controle”. Mas a estratégia comunicativa que embasa este posicionamento é a intimidade simulada, que constitui o apelo que o Hoje em Dia faz, possibilitando uma relação paradoxal. Ao mesmo tempo em que o programa explora com recursos audiovisuais, como efeitos de edição, na lentidão das imagens, no slow, ou na sua aceleração, no fast, com a dramaticidade de trilhas sonoras, no texto que enfatiza as emoções dos envolvidos em tragédias, crimes e catástrofes, utiliza a retórica da interlocução marcada pela intimidade da partilha doméstica, o destaque aos valores relativos à família e aos laços de amizade e as formas centradas no entretenimento, como os quadros de humor, realities e games para atenuar os apelos negativos.

REFERÊNCIAS

GOLDENBERG, Mírian. **Intimidade**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GOMES, Itania Maria Mota. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico. In: **Em torno das Mídias: práticas e ambiências**, Porto Alegre: Sulina, 2008a, p.95-112.

MARTHE, Marcelo. No ar, mais um vice-campeão de audiência. Revista **Veja**, ed. n.2029, 10/10/2007. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/101007/p_084.shtml>. Acesso em: out.2011.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações** - comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**. CFH/CCE/UFSC, vol. 8, nº 2, Brasil, Santa Catarina, 2000, p. 8-41.

PAZZIN, Marcelo. Em TV nada se cria, tudo se copia. Observatório da Imprensa (2006). Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/em-tv-nada-se-cria-tudo-se-copia>>. Acesso em: 24 jul. 2011.

WIETEN, Jan & PANTTI, Mervi. Obsessed with the audience: breakfast television revisited. Media, Culture & Society © 2005. *SAGE Publications*. London: Thousand Oaks and New Delhi, Vol. 27(1): 21-39.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971, p.179-184.